

O desastre não tem campeões

P. 7
MIRIAM LEITÃO

A inércia atinge preços e mentes. Eu, por exemplo, escrevi repetidas vezes que não há chance de uma saída negociada no Brasil. Construía meu raciocínio em cima de uma lógica tão óbvia quanto fraca: a de que o Brasil é diferente dos outros.

Diferente do México que tem um partido único e que precisa apenas convocar uma reunião dos seus militantes para ter lá, dispostos a acatar decisões verticais, todos os líderes sindicais, empresários, banqueiros e parlamentares relevantes.

Diferente também de Israel, que sobrevive por força de uma costura nacional baseada na idéia do inimigo externo. Diferente ainda da Espanha que, ameaçada pelos conflitos internos e seduzida pelo projeto europeu, salvou-se. Não tivemos a guerra civil da Espanha, nosso regime autoritário não teve uma figura emblemática, não temos divisões étnicas. Se não bastasse, poderíamos dizer que somos diferentes da Espanha porque não temos um palácio chamado Moncloa.

Chega-se então ao arremate desta etapa do raciocínio: o Brasil é diferente do México, de Israel e da Espanha, como de resto o é de todos os outros não citados, já que o mundo é assim mesmo, uma soma de países singulares. Convenhamos, é fraca esta primeira parte do raciocínio antipacto.

Há outra: a de que o Brasil não se consegue representar. Mais precisamente, os empresários não conseguem. Pode ser chamada de "Síndrome Albano", em homenagem ao senador Albano Franco que há anos é o não-representante dos industriais brasileiros. Em melhor situação estão os trabalhadores. Os líderes sindicais são mais articulados, falam melhor na televisão e sabem o que querem. Nossa elite empresarial, não. E o que se poderia chamar — se tal fenômeno não fosse contrário à lógica do capitalismo — de uma "elite sem voz". (É bem verdade que, quando se sentiu ameaçada, ou quis novos benefícios, soube sempre eleger seus representantes).

Há vários outros argumentos contra a idéia de uma saída negociada. Há aquele sobre a falta de vontade política. Outro atesta as fraquezas do Congresso. Há ainda o que adia tudo para depois do acerto de contas do Governo. Todos são bons argumentos, mas nenhum é melhor do que o da compulsão geral pelo ganho imediato. O ministro Fernando Henrique foi mais uma vez feliz ao definir o que estava errado na reunião de quarta-feira: tentava-se fazer uma "Moncloa às avessas", um pacto para ter mais vantagens e não para abrir mão

delas em nome de um bem maior.

Nossas diferenças em relação aos países que fecharam pactos vitoriosos não explica a displícência com que tratamos a própria sobrevivência. Parar num posto de gasolina e gastar dois milhões da unidade da moeda nacional para encher um tanque é um fato tão espantoso quanto aqueles descritos nos livros sobre a Alemanha de 22. Quem nunca olhou pasmo para o dinheiro do bolso ou os números numa vitrine, sem saber o que significavam? Só ingênuos pensam que esta confusão é uma simples questão de zeros a mais. Do colapso da relação entre valor e dinheiro, desse curto-circuito que escurece os olhos e nos faz andar meio cegos entre números sem sentido, alimentam-se os que ganham com a inflação.

Temos razões de sobra para a união em torno do projeto de derrotar a inflação. Diferentes dos demais, mas também urgentes. Já não contamos as perdas em nacos de PIB que não foram gerados. A derrota é mais profunda, atinge a alma. Outro dia ouvi de alguém que respeito uma frase curta e forte: "Sinto-me humilhado."

A indexação foi por muito tempo uma eficaz anestesia, mas o desconforto produzido pela inflação está ficando insuportável. Descontamos cheques sem fundos contra o Tesouro durante anos, mas agora está claro que o Estado faliu. Fechamos os olhos para o aumento da pobreza que a inflação provoca, mas agora esta indiferença é até perigosa.

Do meu antigo raciocínio antipacto participava também o argumento de que tentar, tentamos e não deu certo. Mas a verdade que ninguém ignora é que não houve qualquer sinceridade de propósito quando, em ocasiões anteriores, representantes da sociedade se sentaram à mesa. O que houve foram três falsas tentativas de acordo no Governo Sarney. Todas, cortinas de fumaça para ocupar os jornalistas, enquanto os choques eram preparados às escondidas.

A saída negociada também parece ingênua. Afinal, já estamos na ante-sala da disputa sucessória. Grupos políticos com interesses excludentes não aceitariam o comando de um dos possíveis candidatos, argumenta-se. Só a insinuação de um pacto já disparou máquinas remarcadoras de preços, constata-se. Tudo isso é verdade. Mas a verdadeira ingenuidade é achar que do desastre nacional sairá algum campeão.

A esperteza está em buscar a estabilidade econômica, sem a qual revogam-se as conquistas políticas que custaram ao país um esforço de duas décadas. A maior expressão da inteligência está em não ignorar o óbvio: a de que hiperinflação pode ser sim o ovo da serpente de um novo, terrível e extemporâneo período autoritário.